

Presidente: Solução política é conciliar disciplina e liberdade

No discurso que pronunciou ontem ao receber, em nome da Academia Brasileira de Letras, o novo acadêmico Marcos Vilaça, o Presidente da República, José Sarney, disse que "a ordenação política é uma luta contínua entre duas tendências: a tendência que leva à ordem, pela disciplina autoritária e vigilante, e a disciplina que frequentemente se rompe, para que o processo social se revitalize, buscando formas de existência e afirmação. Uma, restringe a liberdade; a outra, tende a ser caudal que abre a barragem e inunda o chão em seu redor".

"A melhor solução", prosseguiu Sarney, "é a conciliação da disciplina com a liberdade. Com a liberdade de romper a sociedade organizada, pela sincronia dos opostos, sem prejuízo da plenitude da liberdade — a liberdade de opinião, da renovação, da proposta, da experiência válida, em consonância com as aspirações nacionais".

No início do discurso de recepção ao novo acadêmico, José Sarney disse que começava por defender Marcos Vilaça ao afirmar que seu convite para recebê-lo data de alguns meses anteriores a 15 de março. E completou: "Não vem de artes de adivinho, mas dos largos rios da amizade. Do gosto comum pela política e pela literatura".

Mais adiante assinalou que Marcos Vilaça "é um político e um homem de letras. E seu o gosto da renovação, por inquietação criadora, e o gosto da tradição, pelo cuidado de restabelecer a ligação natural entre o passado e o futuro, de modo que não haja solução de continuidade na teoria de valores do patrimônio nacional. O gosto pela renovação o impele à política — como processo contínuo dos novos tempos e melhoria das condições sociais e individuais no mundo em transformação — enquanto o gosto da tradição o leva a buscar nas obras representativas de nossa cultura a própria essência da nacionalidade".

Depois de ressaltar que todo homem, por força de sua condição social, é necessariamente um político, tanto por querer influir na comunidade a que pertence quanto por defender essa comunidade, Sarney afirmou que ninguém deve aspirar ao pleno exercício da atividade política sem levar em conta dois elementos básicos: a palavra enuncia-



Sarney e o acadêmico Marcos Vilaça (à esquerda) na Academia Brasileira de Letras

da, para conduzir o processo social, e o silêncio acolhedor, para recolher a opinião e a advertência, "que se incorporam aos instrumentos desse processo, como afluentes do grande rio".

Depois ele elogiou a Academia, dizendo: "Se me perguntarem qual foi a alegria mais clara, o único momento da minha vida em que a vaidade me fez pecar, eu diria que foi o dia em que fui eleito para esta Casa. Aqui é a glória que não passa. Aqui não existe dívida externa e nem interna".

No discurso José Sarney fez o elogio do poeta Mauro Mota, a quem Marcos Vilaça sucede na Academia. E sobre o próprio Marcos Vilaça, pernambucano como Mauro Mota, disse que esta era a sua grande noite. E, concluindo: "Há no salão evocações de Olinda, flores do Encanto-Moça, o Deus Gilberto Freire, areias de Boa Viagem e o altar da Igreja de São Pedro".

Em seu discurso de posse, o novo

acadêmico, Marcos Vilaça, fez o elogio da obra e da vida de seu antecessor na ABL, Mauro Mota, dizendo que em sua poesia ele foi "um praticante da dermatologia literária: tira as manchas do fraseado". Sobre sua entrada na Academia, disse que, "ao contrário da Irene de Bandeira, ao chegar ao céu, entro aqui pedindo licença". Faz uma homenagem também a outro "fraterno amigo", o acadêmico José Sarney, que lembra ser filho de D. Kiola, "pernambucana de Correntes, pertinho de Lajedo, onde meu pai nasceu".

Volta a Mauro Mota: "Não venho suceder ao poeta, nem ao grande homem público de que Pernambuco e o Brasil tanto se orgulhavam. Venho zelar por sua memória, na cadeira que ele elevou de modo tão irradiante. Porque é essa também, senhores acadêmicos, uma das funções da Academia". E encerra: "De minha parte espero em Deus não ter dado com os burros n'água".

Já de fardão, na inauguração de feira de livros

Recebido com aplausos e homenageado pelo Coral Israelita e pela cantora lírica Maria Lúcia Godoy com a canção "Invocação em Defesa da Pátria", de Villalobos, o Presidente José Sarney inaugurou ontem à noite a Feira de Livros Judaicos, no saguão de exposições do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras.

O Presidente José Sarney percorreu a feira em cerca de 10 minutos, acompanhado pelos Ministros do Planejamento, João Sayad; Relações Exteriores, Olavo Setubal; e Comunicações, Antonio Carlos Magalhães — além da mulher, dona Marly, da filha Roseana e do genro Jorge Murad. Durante a visita, passou em frente a uma banca que exibia cinco de seus li-

vros cedidos pela Academia Brasileira de Letras, pois as demais, segundo as organizadoras da feira, estão esgotados.

O saguão de exposições do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras já estava repleto por volta das 20h, quando a segurança da Presidência da República solicitou que todos se retirassem para que fosse feita uma vistoria do local, antes da chegada do Presidente e sua comitiva, às 20h45. O Presidente estava com o fardão da Academia Brasileira de Letras, enquanto dona Marly trajava um discreto vestido de crepe cor-de-rosa.

O Presidente da República foi recebido pelo presidente da Biblioteca H. N. Bialik, Gerson Bergher, que há 60 anos desenvolve diversas atividades culturais ligadas à

cultura judaica em geral. A biblioteca possui 25 mil volumes e a feira de livros oferece ao público, durante uma semana, 420 títulos de livros de assuntos judaicos escritos em português.

A única quebra do protocolo ocorreu na chegada do Presidente e sua comitiva à Academia Brasileira de Letras: representantes do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado realizaram uma pequena manifestação com cartazes e distribuição de um manifesto, protestando contra a recente atitude do Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, que concedeu carta sindical à Associação Profissional de Dança, transformando-a no Sindicato dos Profissionais da classe no município.